

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... \$300 réis	N.ºs 28 E 29	Toda a correspondencia deve ser dirigida a Brito Nogueira, rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa.
Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... \$200 "		Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.
Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 1 \$200 "		
Numero avulso..... \$50p "		

## A EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA DE 1888

### I

É verdadeiramente estranho, e por momentos rudemente incomprehensivel, o espectáculo, porventura unico, que nos offerece este fim de seculo.

Por um lado sente-se o rugir ameaçador e feroz da guerra que tenta avançar, e no espaço ha como que um tilintar de espadas e um clangor de baionetas, de clarins, de esquadões...

Por outro lado é a estatua luminosa e branca da Paz, erguendo-se na serena magestade da sua figura, em presença de milhares de almas, e desfranzindo os labios, n'um sorriso fascinador e tranquillo, ao mesmo tempo que, n'uma voz que tem os effluvios doces e os subteis encantos de uma divina musica, préga ao mundo os redemptores e ideaes versiculos da civilisação e da sciencia, procurando conjungir n'um mesmo amplexo de amor e enfeixar n'uma só familia de irmãos todos os povos e todas as raças.

E enquanto uns estudam a melhor fórma de destruir mais rapida e mais totalmente uma nação rival ou um exercito inimigo, outros esforçam-se por chamar á communhão do trabalho e aos combates do estudo todos os que sintam estuar-lhes no cerebro uma idéa util...

Entre as correntes complicadas e diversas que atravessam a alma contemporanea em todas as direcções, e mais ou menos agitam hoje a consciencia da humanidade, distinguem-se, pela origem da sua energia potencial, e pela ordem de considerações que fazem nascer, estas duas em que por assim dizer todas as outras vem fundir-se, e que são: a corrente da tolerancia, que procura criar, engrandecer, unir; a corrente do odio, que se esforça por desunir, aniquillar, decompor...

Por instantes tocam-se ambas, e então o choque é tremendo; e então o espirito humano, despolarizado e sem norte, lança-se ás oscillações do acaso, perturbado na sua marcha ascensional para a luz e para o progresso, distrahido da sua missão de solidariedade e de concordia, ao passo que um ou outro rastro de sangue lhe deixa patente a extensão das feridas originadas pelo arrancar brutal de uma ou outra illusão risonha; mas é de crer que seja a final a corrente da tolerancia a que predomine e vença,

para honra de todos nós, filhos talvez do mais glorioso periodo da historia social.

Conta-se de Bismarck, que nos bons tempos aureos em que elle visitava pacificamente, na companhia do seu glorioso imperador, então simples rei da Prussia, a exposição de Paris em 1867, a uma referencia do velho monarcha allemão, ácerca do pouco interesse que os petrechos bellicos parecia merecerem n'esse momento aos francezes, que nenhum curioso invento apresentavam no assumpto, podendo competir, por exemplo, com os famosos canhões Krupp que a Allemanha expunha: — respondeu que a epocha ía para as festas da industria e da paz, e não para a guerra.

Pois embora, volvidos vinte annos, não seja esta seguramente a opinião do poderoso e activo chancelier de ferro, — como a final não o era já ao certo n'aquelle momento — é preciso que effectivamente a epocha não se encaminhe senão para essas festas que o grande allemão, porventura ironicamente, preconisava, e que nós não desequilibremos o eixo do mundo moderno, desorientando e pervertendo temerariamente a ordem natural dos factores que n'elle devem actuar: — trabalho, justiça, fraternidade.

Ora esses factores são a resultante de um poder inviolavel e sagrado — o poder espirital da sciencia, e quem attentar contra elle, attenta contra a civilisação que é a sua obra, contra a Humanidade, que é a sua encarnação.

A melhor fórma, porém, de obstar a esse crime é amiudar cada vez mais todas as festas civilisadoras e pacificas, que procurem desenvolver a tendencia opposta á que alguns tentam inocular no mundo.

Os certamens do commercio e da industria são seguramente um dos melhores, senão o melhor elemento para fortificar essa tendencia, por isso o cuidado de todos os povos tem de mirar com especialidade a este ponto.

Exposições, muitas exposições; congressos, muitos congressos, e ás impaciencias marciais de um ou outro povo responda-se com o espectáculo tranquilizador e insinuante de uma festa da industria, de uma festa da sciencia, de uma festa da paz, emfim.

Tal é a razão de ser das exposições, e os paizes que mais as generalisarem, mais as incutirem e

mais as promoverem serão finalmente os paizes benemeritos da civilisação e que melhor haverão concorrido para a obra da pacificação universal.

Podem chamar utópica a esta affirmativa, e demonstrar até que as exposições, além de pouco representarem na harmonia do mundo e na ordem das sociedades, são a final uma lucta disfarçada de rivalidades, de ambições, de interesses, e não desempenham tal no concerto humano o papel que espiritos idealistas tentam distribuir-lhes; podem avançar isso, e muito mais.

Mas ainda quando assim fosse, ainda quando d'esses bellos concursos publicos da intelligencia e da applicação não se colhesse outra moral senão a que n'elles querem ver os que um pessimismo qualquer desvaira ou cega, ainda assim os perigos e os prejuizos para a prosperidade, para a ordem e para o progresso universaes, seriam sempre muito menores que os que sobre o mundo acarretam, e acarretarão sempre, os instinctos contrarios, de perturbação e de combate.

De accordo, que aqui tambem ha lucta, e assombrosa e colossal e tenaz; mas essa é a lucta das idéas, que procuram impor-se, é o conflicto das opiniões, que diligenciam vencer, é a concorrência vital, que ambiciona triumphar, dando a palma aos que mais criaram, aos que mais produziram, aos que melhor fizeram em prol da humanidade e em beneficio da civilisação. Uns chamam-se Thimonier, e inventam a machina de costura; Jacquart, e aperfeiçoam o tear; Barff, e tornam o ferro inaccessible á ferrugem; Bessemer, e acham uma nova fórma do aço; Jansen, e offerecem-nos o microscopio; os outros... — o que têm feito elles, e como se chamam acaso na historia da Humanidade? Alguns, basta proferir-lhes o nome para até do interior da terra parecer que se ergue um grito unisono de execração e de horror, outros desviaram, ou almejam desviar ainda do seu curso, já de si tortuoso e invio, o rio atormentado do progresso, esforçando-se por lhe envenenarem ou destruirem o nateiro...

Não sabemos quaes serão os que n'um ultimo e supremo recontro ficarão gloriosos, mas a Historia é que certamente não inscreverá nas suas paginas de ouro senão os nomes dos que imitem os primeiros, reservando para os segundos o odio ou o desprezo...

\*\*\*

Eis porque por toda a parte os cidadãos d'este grande paiz que se chama a Terra, — grande quando o comparámos em relação a um ponto, insignificante se o comparámos em relação ao infinito, — se vão compenetrando d'estas verdades, e se encaminham de preferencia para essas sympathicas manifestações do trabalho, que se significam lucta, são uma lucta proficua e digna, manifestações que se chamam no mundo as exposições e os congressos.

Esta é pelo menos a caracteristica dominante n'este seculo, a que se encontram tantas, e esta é sem duvida a que logrará vingar.

Assim se explica tambem por que este nosso pequeno paiz empreheu imitar o exemplo dos seus irmãos mais sabios, resolvendo organisar exposições e procurando, agora mesmo, levar a effeito uma outra

que seja como que o balanço da actividade portugueza n'estes ultimos vinte annos, e que mostre aos que saibam e possam ou queiram ver se elle é hoje tão digno da estima e do respeito humanos, como quando outr'ora com o tope das suas caravelas fã á demanda de mundos mysteriosos, sulcando mares desconhecidos...

Dizer que uma tal tentativa nos merece a mais terna, a mais effusiva, a mais calorosa sympathia, é affirmar uma verdade e cumprir um dever de nobre e verdadeiro patriotismo; desejar que o espectáculo que vamos presenciar seja o mais ensinador e glorioso, é formular uma aspiração que ha muito nos alvorça a consciencia.

N'um periodo em que tão entibiadas se sentem todas as crenças, e tão apathicas ou desilludidas todas as confianças, ter a ingenuidade ou a illusão de esperar, de confiar, de *crer*, emfim, é talvez para muitos dar mostras de uma teimosia ou de uma coragem incomprehensíveis; — mas, já Garrett dizia que era preciso crer n'alguma cousa para ser grande, e desgraçados os povos sem convicções e sem utopias, que são povos condemnados a desaparecer para sempre na valla sem fundo do eterno esquecimento.

Se nós, portanto, nos convencessemos amanhã da verdade do que avançam alguns tristes desilludidos do nosso destino ou maus alviçareiros das nossas desgraças, que eramos realmente um povo sem missão e sem ideal, não tendo industria, não tendo arte, não tendo sciencia, poderíamos fazer as malas, e partir, partir, para onde mais ninguém nos visse.

Ora é precisamente este desmentido solemne a todas essas nenias dolorosas, a todos esses threnos melancolicos, que sobre a decadencia nacional desfiam persistentemente os que já desceram ou nunca creram, e a todas as causticas ironias ou zombeteiros motejos com que sobre a pelle do paiz tamborilam os graciosos, que a exposição industrial portugueza de 1888 precisa erguer bem alto, inflingindo aos que detrahem o castigo condigno, e inflitrando aos que esperam a esperança precisa; n'uma palavra, expondo a todos o que nós em verdade somos, e em consciencia valemos.

Havemos de voltar ao assumpto, e não desanimaremos pela fórma como porventura possam ser recebidas as nossas palavras; mas antes de fecharmos este artigo, que já vae longo, convem affirmar desde já que cremos, e cremos sinceramente, na utilidade não só de todas as exposições em geral, mas muito especialmente d'esta em particular; e, embora nos peze ir assim de encontro á opinião de um jornalista e homem d'estado notavel da nossa terra, esperámos que esta revista das nossas forças productivas e intellectuaes ha de infundir animo a muita gente que vê affrouxar a confiança em si e no paiz, «abrir os olhos a muitos cegos», e indicar a mais de um dos elementos que entram na formação d'esse corpo que se chama um estado, qual o melhor caminho a seguir, e qual a verdadeira politica a fomentar e desenvolver, politica que, como já todos se vão convencendo, não póde em absoluto deixar de ser a politica nacional do trabalho, da tolerancia, da protecção e da concordia.

## QUESTÕES SOCIAES

## XIV

Como promettemos, vamos expor muito resumidamente as idéas de Lassalle, o qual começa por perguntar se no regimen vigente o operario pôde, pelo proprio esforço, melhorar as suas condições sociaes, segundo pretende Schulze-Delitzsch.

Lassalle responde negativamente, porque a isso se oppõe a «lei de bronze» do salario (*das eherne Lohngesetz*).

Esta lei, fundamento de todas as deducções do celebre publicista, é a mesma em virtude da qual, na sociedade moderna, e sob a acção da offerta e da procura, o salario medio fica reduzido ao que é indispensavel para permittir ao operario viver e perpetuar-se. E ella o nivel para onde gravita nas suas oscillações o salario effectivo, sem que possa manter-se muito tempo nem em cima nem em baixo.

Não pôde permanecer de uma fôrma duravel acima d'esse nivel, porque um grande bem estar, dando em resultado o augmento de casamentos e nascimentos na classe operaria, faria em breve trecho crescer o numero de braços procurando trabalho e offerendo-se á porfia, e assim o salario ver-se-ia pela concorrência reduzido á taxa fatal.

Não pôde, igualmente, descer do indicado nivel, porque a miseria e a fome trariam a mortalidade, a emigração provocaria a diminuição de casamentos e nascimentos, por consequência uma redução de braços, e, dado isto, desde logo o augmento do salario, em resultado da concorrência que os industriaes estabeleceriam procurando e disputando-se mutuamente os operarios.

Novo bem estar d'estes, e novamente as mesmas circumstancias se repetiriam, isto é, a melhoria da sua situação, acarretando progressivamente o augmento de braços, produziria outra vez os inconvenientes da demasiada abundancia de um genero, isto é, o seu barateamento, que no caso sujeito significaria a descida do salario.

N'este circulo vicioso giram, pois, os dois termos da questão, obrigando, portanto, a uma convergencia normal e forçada as alterações ou desvios que circumstancias imprevistas tenham determinado para fóra da sua linha de mira.

Os periodos de prosperidade e de crise que atravessa constantemente a industria produzem ás vezes essas alterações ou desvios, mas a «lei de bronze» lá está para afinal reduzir sempre ao minimo indispensavel a retribuição do trabalhador.

É possivel que em consequência dos progressos da industria esse minimo se modifique para melhor.

A maneira de viver do operario e as condições que elle considera de primeira necessidade mudaram consideravelmente. Assim, na idade media não conhecia elle o uso da roupa branca, andava descalço as mais das vezes, enquanto que hoje são já indispensaveis para a maioria, pelo menos, uma camisa e uns sapatos; mas se o operario consome mais objectos manufacturados, consome menos productos animaes.

Quanto á lei de bronze ella é apenas uma applica-

ção particular da lei geral que regula o preço das mercadorias, e que é um dos logares communs da economia politica; sob este ponto de vista é, porém, preciso distinguir tres especies de objectos, os que não podem crear-se á vontade, como as estatuas antigas, os quadros dos antigos mestres, as curiosidades naturaes, cujo preço se determina não pelo custo da produção, pois que não podem reproduzir-se, mas pelo valor que lhe attribuem e conferem os amadores; os generos agricolas, que podendo augmentar em numero se obtêm, porém, com uma difficuldade crescente e em condições onerosas; e, finalmente, os productos ou generos manufacturados, cujo custo terá de regular-se pelas despezas de produção das mercadorias fabricadas, nas condições mais favoraveis, isto é, com menos sacrificios.

O trabalho, considerado como mercadoria, pertence evidentemente a este terceiro grupo, porque o numero de braços augmenta geralmente na rasão da procura.

O preço d'elle, portanto, quer dizer, o salario, será pois determinado pelo minimo da despeza que representa um trabalhador, minimo que n'este caso corresponde ao menor custo de produção d'esta mercadoria especial — a força productiva do trabalhador.

Ora se é esta a lei geral, conclue Lassalle que nem as instituições preconizadas por Schulze-Delitzsch, nem as antigas instituições de beneficencia e de patrocínio podem melhorar a sorte das classes laboriosas, de uma fôrma geral e duradoura, pelo motivo de que enquanto se trata apenas de um certo numero de operarios podem elles ter realmente grande vantagem em obter mais baratos e de melhor qualidade os generos de que precisem, mas se a maioria dos operarios se aproveitasse d'essas instituições, seguir-se-ia, que elles viveriam como hoje, mas com menor dispêndio, o minimo das suas despezas de manutenção diminuiria, e como esse minimo é o nivel a que a concorrência traz o salario, este baixaria logo á medida que a vida das classes trabalhadoras se tornasse menos dispêndiosa.

Tal é pouco mais ou menos a argumentação de Lassalle, que se esforça em provar com ella a inanidade dos esforços dos philanthropos burguezes, os quaes, procurando melhorar a sorte dos operarios sem mudarem a organização actual das sociedades, não vêem que todas as tentativas que lhes inspire o coração constantemente virão quebrar-se de encontro á lei de bronze.

É ocioso dizer que estes raciocinios, baseados embora sobre os principios geralmente accetados da sciencia orthodoxa, valeram a Lassalle os mais vehementes ataques, aos quaes facilmente respondeu, porque a sua theoria do salario era a dos mestres da economia politica, Adam Smith, Baptista Say, Ricardo, Stuart Mill, etc.

E antes d'estes já Turgot formulára a mesma idéa n'essa maravilhosa lingua do seculo xviii, clara como uma rocha, diz Lavelleye.

«O simples operario, escreve Turgot, que só possui os seus braços, nada tem senão quando chega a vender a outrem o seu trabalho. Vende-o mais ou menos caro, mas esse preço mais ou menos elevado não depende só d'elle, resulta do accordo que fez

com aquelle que lhe paga o trabalho. Este paga-o pelo menos que pôde, e como tem a liberdade da escolha entre um grande numero de operarios, prefe-re aquelle que trabalhar mais barato.

«Os operarios são, pois, obrigados a abaixar o seu preço á porfia. Em todo o genero de trabalho deve acontecer, e acontece com effeito, que o salario do operario se limita ao que lhe é necessario para lhe garantir a subsistencia.»

Eis em poucas linhas, acrescenta justificadamente Lavelleye, todo o systema de Marx e de Lassalle. Continuemos, porém, expondo as idéas do publicista allemão.

Hoje, diz elle, para produzir com resultado é preciso dispor de grandes capitães. O pequeno industrial, o pequeno lojista, o artesão vegetam esmagados pela concorrência da grande industria. Desde que o operario não pôde ser um productor independente, tem de vender o seu trabalho para se sustentar, e mediante o salario o patrão adquire todo o producto do trabalho. Este augmenta constantemente á medida que os processos de fabricação se aperfeçoam, e que a sciencia se applica á exploração das riquezas naturaes; mas o operario, origem de todo o valor, não aproveita com isto: tudo vae para o patrão, a quem pertence inteiramente a vantagem do progresso industrial.

O operario vê-se, pois, despojado de quasi todo o fructo do seu labor, e isto necessariamente desde que o privam do capital que lhe permitiria conservar, trabalhando para si proprio, todo o producto do seu trabalho.

E á objecção dos economistas, que consideram perfeitamente equitativas as relações entre o capitalista e o operario, visto serem estabelecidas por um contrato livremente concluido entre as duas partes, responde Lassalle, dizendo que esse contrato é apenas livre na apparencia, porque em verdade o artesão que não pôde empregar os seus braços tem de alugar-os pelo que quizerem dar-lhe, pois que a isso o obriga a fome.

Ainda quando a sciencia orthodoxa lhe redargúe, lembrando-lhe que o capital por si mesmo não é outra cousa mais do que trabalho accumulado, o agitador allemão, não contestando isto, lembra, porém, que effectivamente o capital se forma com a accumulção dos productos de um trabalho anterior, mas trabalho dos que não chegam ao capital, isto é, trabalho dos operarios e não dos capitalistas.

De fórma que, para elle, as classes manufactureras de hoje, embora politicamente livres, economicamente continuam tão dependentes como os servos da idade media; o que o faz exclamar que isso que para ahi se chama a propriedade, e que não é senão o resultado de toda uma somma de productos cedidos em troca do strictamente necessario áquelle que os fabricou, deveria antes chamar-se «Altruidade». *Eigenthum ist Fremdenthum.*

Como obviar, porém, a este mal? Segundo Lassalle, deixando o capital e o trabalho de se guerrearem mutuamente, reunindo os nas mesmas mãos.

Para conseguir isso, basta, opina elle, favorecer o desenvolvimento das sociedades cooperativas de produção, fazendo intervir para este fim o proprio estado, que no seu entender, não deve servir apenas

para manter a ordem, mas para favorecer todos os grandes progressos da civilisação.

De resto, Lassalle não acreditava que as sociedades cooperativas trouxessem por si proprias «a solução da questão social». «A transformação da sociedade, escreve elle, será a obra dos seculos, e de uma serie de medidas e de reformas que saírao organicamente umas das outras.»

A mesma propriedade não é mais, segundo o seu criterio, do que uma categoria historica e transitoria, mas, longe de pretender abolir-a, o seu unico fim é estabelecer-a verdadeiramente individual e proporcionada aos serviços uteis.

Em apoio do seu systema Lassalle invoca a theoria de Smith e de Ricardo, que faz nascer todo o valor apenas do trabalho, dizendo com Bastiat que o que se deve pagar n'um producto não são as forças da natureza mas o trabalho do homem, pois que o serviço dos agentes naturaes é ou precisa ser gratuito.

E obedecendo ao seu ideal, escreve elle: «Quando as sociedades de produção tiverem englobado no seu seio todos os cidadãos, tornar-se-hão proprietarios da terra e do capital, e o trabalhador ao entrar na officina entrará igualmente na posse do instrumento de trabalho, ou da parte do haver social que corresponder ao seu emprego, o qual deverá estar em relação com as suas aptidões, sendo a remuneração igual ao trabalho.»

Para chegar ao seu desideratum Lassalle combatia entre outras cousas a hereditariedade, mas não pensava, como dissemos, que a remodelação do actual modo de ser social possesse operar-se, com a rapidez que phantasiavam alguns exaltados, muitos ignorantes e varios utopistas. Pelo menos dizia elle que para essa remodelação e para conseguir a supressão do salariado, seriam precisos dois seculos, differindo n'isto de Rodbertus, que calculava cinco.

Vê-se, pois, quão longe estava de preconisar os excessos de uma revolução violenta; n'este ponto transparecia o discipulo de Hegel que não lhe havia ensinado em vão a theoria da evolução organica e dos «momentos» successivos que tem de percorrer o processo historico.

Amigo pessoal de Bismark, que ainda não ha muito se gloriava em pleno parlamento das ligações que com elle tivera, Lassalle esperava que o eminente homem de estado allemão conseguisse realisar algumas das suas idéas, e com effeito Bismark tentou-o; mas a prova de que o problema não é de facil solução, é que o chanceller de ferro nada conseguiu, e que algumas das mais bellas theorias do sympathico economista precisariam na pratica um forte coefficiente de correcção a começar na sua tentativa de n'ellas fazer intervir o estado, cuja ingerencia excessiva parece, longe de ser um bem, acarretar ainda maiores inconvenientes.

No emtanto, se como mais de uma vez o temos dito varias idéas de Lassalle, como de outros, podem soffrer impugnação, muitas d'ellas são profundamente justas, e outras esperam apenas que soe no relógio da civilisação humana o momento historico em que deverão tornar-se uma realidade.

E já agora veremos mais algumas theorias para depois concluirmos definitivamente estes estudos,

em que, de novo o dizemos, não tivemos outro intuito senão orientarmo-nos, fazendo ao mesmo tempo conhecidos, por intermédio do excellente livro de La-velley, nosso guia constante, os trabalhos de espiritos que, quando mais nos não merecessem, mereciam pelo menos a nossa gratidão.

AFONSO VARGAS.

## A CAIXA LOGO-TYPO

### II

(Conclusão)

A 7 d'este mez (junho de 1883) o sr. Leopoldo Weiss apresentou ao Club graphico a sua caixa typographica, recentemente construida e já descrita em os n.ºs 20 e 22 do *Buchdrucker-Zeitung*.

O interesse que esta invenção despertou nos circulos technicos bem o revelaram os socios d'aquelle club, que n'uma noite se reuniram em grande numero. Na verdade a maior parte d'elles compareceram ali por commissão dos seus chefes ou directores; d'estes, exceptuando os representantes dos jornaes, apenas vimos um numero limitado.

O sr. Weiss, como já dissemos, dispensou-se de fazer uma exposição acerca do seu systema recém-inventado. No já citado n.º 22 havia elle sido já, sob o ponto de vista theorico, detalhadamente discutido, e devia-se suppôr que todos aquellos que se interessavam pelo invento, já o conheciam bastante. Tratou-se, pois, n'aquelle noite sómente de constatar por cifras o valor pratico do novo systema de composição, e com elle a sua attingivel produção. Mas tratava-se tambem de refutar por factos, e não por negativos resultados, os prejuizos que existem contra o augmento das caixas de composição pela introdução do systema do *Logo-typo*. Digâmol-o francamente: o conservantismo que predomina em os nossos centros, converteu-se já em scepticismo formal. Manifesta-se para cada nova invenção, mesmo para cada melhoramento a maior desconfiança; e poucos são os que se resolvem a introduzir innovações; apenas algumas firmas respeitaveis, a quem não escasseia o tempo nem o capital. Designadamente o ultimo factor representa o papel mais importante, e como todas as invenções em regra custam dinheiro, e este *nerus rerum*, segundo o triste estado do commercio em parte alguma é de mais, por isso se encolhem os hombros, e se vae trabalhando com o antigo material — á espera de melhores tempos, em que então se chegue talvez á situação de prestar homenagem ao progresso. Repete-se cada vez mais o antigo estribillo: «Onde ha pombos, para ahí voam pombos»; isto é, quem tem dinheiro, acha sempre occasião de augmentar a sua fortuna. Assim succederá com a invenção do sr. Weiss; os grandes convencer-se hão das vantagens que ella offerce, e os pequenos ficarão ainda mais pequenos por effeito d'ella. Esperámos que, pelo menos, não aconteça com esta invenção o mesmo que succedeu com a introdução do prélo de pedal americano. Tambem se julgou totalmente superflua a innovação, por isso que o prélo mechanico produzia muito mais, e para

as pequenas officinas havia o prélo manual. A principio crassa ignorancia; e como os editores de profissão não quizeram saber d'isso, apoderou-se do invento a especulação, que, com o maximo prejuizo de toda a nossa industria, soube explorar para si, e ainda explora, esta tão util invenção.

Tambem o processo de composição do sr. Weiss podia tornar-se objecto de especulação, se os editores technicos se não certificassem a tempo das suas vantagens.

Julgámos estas observações prévias não serem completamente inuteis, e passámos agora á descripção do que se passou no Club graphico em a noite de 7 de junho. O sr. Dittmarsch saudou a assembléa com um discurso, no qual mostrou que o sr. Weiss tinha ido ao convite das commissões do Club graphico, e que expunha a sua caixa de composição recém-construida, não só á apreciação de todos os technicos, mas tambem estava prompto a dar sobre isso todos os esclarecimentos desejaveis. Ao mesmo tempo devia ter logar uma prova de composição, e para este fim mandára a typographia da *Neuen Freien Presse* (Nova imprensa livre) um dos seus mais habéis compositores, o sr. F. Scheirich, com uma caixa cheia de letra corpo 10. O sr. Dittmarsh fez ver, que se não podia tratar de uma composição de aposta em fórma, porque o sr. Weiss não tinha construido só para si a nova caixa, mas tambem para quem a quizesse adquirir; que, como inventor, tinha primeiro a preencher mais importantes obrigações do que a de amestrar-se no uso da sua propria caixa. Tratava-se, portanto, n'aquelle dia, não da comparação com um extraordinario resultado de produção, mas de fixar o resultado que podia conseguir-se com a caixa de composição do sr. Weiss por meio de um trabalho regular.

As oito horas começou, pois, a prova de composição. Como base foi escolhida a composição de um periodo de cem linhas na largura de duzentos e quarenta pontos; typo, corpo 10. Descontando uma casual interrupção de cerca de cinco minutos, compoz o sr. Weiss em uma hora e quarenta e oito minutos as ditas cem linhas mui correctamente, emquanto o sr. Scheirich compozera approximadamente noventa e tres linhas. De facto, porém, a differença reduz-se só a cinco linhas incompletas, por que o typo em que compoz o sr. Scheirich é um pouco mais apertado. A qualidade da composição deve, com respeito á correcção, ser considerada igual entre os dois artistas. Se tomarmos em consideração, que o sr. Scheirich trabalhou com um esforço, que não poderia sustentar-se em um trabalho aturado, em quanto pelo systema do sr. Weiss não é possivel uma excessiva pressa, devem os resultados obtidos ser considerados satisfactorios no mais alto grau. O sr. Scheirich deu a prova da produção de um trabalho designadamente extraordinario pela composição de 5:66 letras (63 linhas de 62 letras), o que corresponderá a 3:061 por hora. Mas tambem o sr. Weiss podia, apesar de um andamento regular e moderado, apresentar na melhor luz as vantagens do seu systema, por isso que compoz exactamente 3:429 letras por hora, excedendo assim consideravelmente a produção de composição de 10:000 letras em tres horas, que promettêra na sua primeira exposição. Tambem

deve considerar-se, que o sr. Weiss produziu uma composição regular e de um formato de quarto comum, ao passo que o sr. Scheirich só produziu composição para jornal, pelo que a produção do trabalho se reduz sob o ponto de vista da qualidade de uma maneira proporcional.

Depois de que nos podemos convencer de que o arranjo typographico d'esta nova caixa de composição não permite um trabalho rapido, e de que a força physica tambem não carece de ser desperdiçada, parece-nos hoje um resultado de 3:500 letras por hora ser completamente normal. Havendo maior exercicio não é totalmente fóra da possibilidade a composição de um maior numero de letras. O objectivo de que a distribuição, em vista da pequenez e multidão dos caixotins, seria difficil e morosa, soube o sr. Weiss soffrivelmente desfazer por um grande numero de provas. Por causa da hora já avançada da noite não se pôde na verdade chegar a uma prova cabal, mas não duvidamos dizer, que o sr. Weiss tambem a este respeito triumphará.

Ao compositor que esteja intimamente ao facto do systema do *Logo-typo*, não podem já confundir a multidão e pequenez dos caixotins. Pelo contrario, a vantagem de pegar de uma só vez em tres ou quatro letras, tambem dará igual resultado na sua distribuição.

A convicção de que o systema de Weiss para a impressão de jornaes, que carecem no mais curto prazo possivel a maior quantidade de composição, deve ser excellente; parece haver-se já demonstrado em a noite de 7 de junho em presença de muitas pessoas, que se achavam no Club graphico. Que a composição dos algarismos por este meio é extraordinariamente vantajosa, concordaram todos os que n'isto se interessaram; e o sr. Weiss mal pôde comprehender as duvidas que por muitos foram apresentadas sobre a composição das letras. Para elle como inventor era o seu systema perfeitamente claro, e estava completamente compenetrado das suas vantagens. Preferimos por isso deixal-o, elle proprio, responder ás objecções que lhe foram feitas na abertura da discussão. Queremos em toda a questão ficar provisoriamente neutraes. Esta carece certamente de uma prova real, convincente, e tambem o inventor terá n'isso muito que alterar e melhorar.

As machinas de composição, em rasão do seu elevado preço e dispendiosa installação, ainda não poderam entrar na circulação, por ser o compôr e distribuir um trabalho mechanico. Um systema, porém, que facilita esse trabalho ao compositor, e o colloca nas circumstancias de duplicar a sua produção sem maior esforço physico, merece em todo o caso a mais alta consideração. A imprensa technica tem o dever de guardar os interesses dos fornecedores de trabalho, bem como dos que o recebem, por isso não deve passar de um modo indifferente e declinator por uma innovação que pôde ser de tão grande importancia para ambas as partes. Deixemos, portanto, fallar o sr. Weiss acerca das duvidas e objecções que lhe foram feitas. E deixemos tambem seguirem-se com as suas respostas as perguntas que se fizeram na discussão que teve logar depois da conclusão das provas.

1.ª objecção.—A boa factura de tantas matrizes era assás difficil, e devia naturalmente encarecer, se não agora, para o futuro, o preço do typo por causa da fundição.

Resposta.—Com relação á factura das matrizes, ha certamente um processo mui pratico, e peculiar, na sua especie, na fundição de Brendler & Marklswsky, que não só facilita com segurança e celeridade a vantajosa collocação das matrizes, mas o seu vigor, pureza e direitura de tal modo, que possuem um valor perfeitamente igual ao de cada matriz original em duração e boa qualidade. Eu proprio já fiz as despesas com as matrizes, e desejo que estas, assim como as demais despesas de installação sejam consideradas de minha conta. Concorrerá isto para vender o producto mais barato, despertando ainda o seu maior consumo. Prefiro uma pequena utilidade em grande escala a uma grande em pequena escala.

2.ª objecção.—Sobre o desigual aproveitamento do typo.

Resposta.—Na minha exposição já ponderei, que o aproveitamento do typo de nenhuma sorte podia ser tão desigual como no material dos actuaes typos, mas isto era sómente uma asserção theorica. Hoje posso eu provar isto praticamente, referindo-me ao emprego regular dos typos nas cem linhas que acabam de ser levantadas d'esta caixa. Para cem linhas da caixa de composição até agora em uso, era necessario um caixotim grande e cheio de *ee* e *nn* pequenos; não tive necessidade d'elles, como vêdes. O meu caixotim de *ee* e *nn* minusculos mal foi tocado, e posso compôr seiscentas linhas d'esta caixa, sem que fique vazia. Se, porém, eu conseguisse, com relação áquellas letras, que até aqui exigiam um desigual aproveitamento, por uma conveniente distribuição d'ellas poupar o seu grande emprego, seria impossivel tratar-se aqui de uma desigual utilização do typo.

3.ª objecção.—Difficil percepção dos membros de palavras com relação á sua conveniente composição. O compositor podia facilmente acostumar-se a pegar em outros typos, que não fossem aquelles que devêra empregar.

Resposta.—Esta opinião é já no fundo erronea, porque no emprego de taes signaes haveria para o compositor um grande prejuizo pelo tempo adiante. O compositor, que desnecessariamente fizesse uso de taes signaes, tornar-se-ia inimigo do seu interesse, e ainda até hoje não conheci taes compositores. Assim como no todo a vantagem é a mola de toda a actividade humana, assim acontece tambem com o compositor. A base d'este systema typographico consiste justamente em evitar toda a desnecessaria preensão, e isto fará certamente todo o compositor em seu proprio interesse. Alem d'isso a cousa é especialmente facilitada pelo modo seguinte, porque a applicação deve fazer-se segundo a formação das vozes como no fallar, e só por excepção se deve pensar n'um emprego incorrecto. Este só poderia ter logar, se o compositor não soubesse que signaes se contêm n'esta caixa. Se-o compositor, por uma tabella composta por ordem alfabetica, souber uma vez que typos tem presentes, estou convencido de que saberá empregar-os em sua vantagem, e que

onde poder compor com duas prehensões, não o fará certamente com tres.

4.<sup>a</sup> objecção.— No emprego d'esta especie de typo nos primeiros tempos pôde facilmente haver embaraços para o director da officina, se adocer um compositor já exercitado, que não possa ser substituido por outro.

Resposta.— Este quesito só pôde affectar aquellas typographias que introduzem este systema de typos, e por isso é de esperar que providenciarão para que não fiquem sujeitas a um tal embaraço. A invenção, porém, nada tem que ver com isso.

5.<sup>a</sup> objecção.— Dificuldades na distribuição.

Resposta.— A opinião de que a distribuição está ligada a difficuldades, teve a sua razão de ser, emquanto n'uma folha industrial da semana precedente se affirmou com uma exactidão apodictica, que com este systema de typos não se podia absolutamente obter celeridade. Hoje, depois que esta positiva opinião está completamente abalada; depois que vos demonstrei que esta celeridade não só é correspondente á mais alta produção de composição até hoje obtida, mas que até a excede, a despeito de um exercicio deficiente; hoje esta opinião já se desvaneceu completamente, porque já me resta tempo de mais para a distribuição; ainda que, como tambem demonstrei em uma hora e quarenta e cinco minutos, a despeito do desasoscego, excitação e pequeno exercicio, fico habilitado a compor 6:000 letras. Admitti agora, que ainda em uma hora e quinze minutos comporia mais 4:000 letras — o que me acreditareis — o que assim daria 10:000 letras como limite estabelecido; restam-me, porém, ainda duas horas inteiras para distribuir e corrigir, e declaro-me prompto para entrar já n'esta prova. (*Não é accelta em razão da hora estar adiantada*). Assim só comporei e distribuirei na vossa presença algumas palavras, a fim de que possaes formar uma idéa tambem a respeito da distribuição. Como fica dito, alcanço, pela rapida composição, tambem tempo para poder comoda e regularmente distribuir. O meu calculo é o seguinte. Em cada minuto, compoendo por um bom original, termo medio, 60 letras, faz em tres horas 180 linhas de 60 letras = 10:800 letras; n'um igual numero de horas posso em cada minuto distribuir e corrigir 90 letras, e alem d'isso ainda fica tempo para almoçar. Se agora me podeis acreditar que eu, pelo pequeno exercicio, que até aqui tenho tido com esta especie de typo estou habilitado a produzir isto, deve impor-se-vos a certeza de que bem exercitados compositores ainda mais produzirão. O sr. Scheirich certamente produziria quasi o dobro, porque se tiverdes d'esta caixa feito 6:000 a 7:000 prehensões, teréis já, visto que a maior parte dos typos consta de tres ou mais letras, composto 20:000 d'essas letras. A mesma proporção se dá naturalmente tambem com relação á distribuição. Pôde por isso trabalhar-se vagarosa e regularmente, porque até este vagar, que pôde ser activado pelo exercicio successivo, fica compensado pela circumstancia de se poderem distribuir dois, tres ou quatro typos de uma só vez. Por estes motivos não fica ligado o exercicio a grandes despesas, porque mui vagaroso deve ser o typographo, que, para obter a costumada produção de composição, não se ache

nas circumstancias de poder effectuar 3:000 a 3:500 prehensões por dia, e distribuir outros tantos typos.

6.<sup>a</sup> objecção.— Maior desaproveitamento dos typos pela razão de que, quando uma letra está gasta, as boas com ella ligada devem ser lançadas fóra.

Resposta.— Não posso certamente contestar que, quando uma letra está gasta, o typo com ella ligado não pôde mais ser empregado; mas não posso comprehendere esta circumstancia como um maior desaproveitamento do typo, porque o estrago procede do desleixo pelo necessario cuidado no tratamento do presente systema de typos. Mas este caso só se pôde dar se, por exemplo, o compositor resvalar com a pinça, ferindo mais ou menos uma letra; se o angulo de uma columna for lançado fóra do seu lugar, não se pôde presentemente tambem calcular de antemão até onde chegará o estrago. Se, porém, houver de se mudar uma chapa inteira por negligencia do mestre da machina, ou a posição do cylindro de impressão na collocação de uma chapa de novo typo depois de uma chapa gasta, só então ficará inutilisada toda a chapa; no que, porém, de nenhuma sorte tem culpa o antigo ou o novo systema de typos, mas só a extraordinaria negligencia do artista. De resto nas vantagens dignas de menção que este systema de typos possui não pôde esta circumstancia ser considerada como uma desvantagem apreciavel, e será certamente mais facil de supportar do que o estrago do typo actual. Por estrago do typo entendo eu aquelle estrago que deriva de um longo emprego multiplice e methodico.

7.<sup>a</sup> objecção.— A grande quantidade de pequenos caixotins como obstaculo para a composição.

Resposta.— A objecção parece á primeira vista acceptavel, mas só por um juizo superficial; bem discriminada, porém, mal deveria ser pronunciada; por isso que o interrogante deve chegar á convicção de que só tem pequenos caixotins aquellos membros de typos, que não carecem tel-os maiores. Se eu tivesse dado ouvidos a esta objecção, verieis aqui uma muito maior caixa de composição com grandes caixotins mesmo para typos pouco empregados. Se o tivesse feito, não reconhecereis então que eu fizera caixotins grandes para vos ser agradavel, mas censurarieis a minha antecipação dos vossos desejos dizendo, que eu vos queria apresentar como indispensavel uma tão grande caixa. Admittindo, porém, que fosseis tão perspicazes, como havia eu de desculpar-me para com os srs. proprietarios ou directores de typographias, de haver feito tão grandes caixotins tão pouco empregados; porque estes grandes caixotins seriam preenchidos na sua installação, como, por exemplo, na caixa de composição actual, e haveria assim uma grande porção de material de typo, por cuja abundancia eu não ficaria nas circumstancias de responder. Que, todavia, estes caixotins não são demasiadamente pequenos, para conseguir o fim a que me propuz, já vol-o demonstrei; tambem já os não fiz muito pequenos por saber o que devia primeiro levantar d'estes caixotins; e ainda que até aqui pouca confiança tenhaes tido na minha capacidade technica, permiti-me d'ora em diante que, posto que com difficuldade, vol-a conquiste.

## HISTORIA DE UM MARÇANO

(Continuado)

Emquanto na sala os pares rodopiavam no delirio da valsa, como dissera o jornalista Ribeiro, cá dentro, na casa de jantar e na cozinha, Thomé, que estivera espreitando por entre um repesteiro a ouvir o Anacleto recitar, e que presenciara ainda o principio de uma contradansa, lançava as suas exclamações admirativas no seio da cozinha e das duas creadas que lá estavam.

Achára muito lindo o que o tal senhor dissera, nem o sr. padre Souto, que ás vezes prégava lá na freguezia, lhe ganharia.

— Então a historia d'aquelle cão, que o dono quizera matar, e que a final vinha trazer-lhe o gorro que aquelle deixara cair, era mesmo de fazer chorar. E, voltando-se para a cozinha, perguntou-lhe em ar de duvida:

— Elle, aquillo seria verdade? Estive mesmo para procurar a um senhor que estava ao pé da porta. . .

A cozinheira, meio enfadada, não estava para conversas, e respondeu agastada:

— Eu sei cá, rapaz! historias que esses aldrubios inventam.

Mas uma velha, a Belizanda, entendeu a proposito instruir o Thomé, e afirmou, que sim, que podia ser verdade. Um cão ouvira ella, que salvara um da marinha, e até pelos modos, ouvira dizer que o animal tinha uma soldada, ou o quer que era, como um marujo tal e qual.

E quando estivera com a sua senhora a banhos, em Cascaes, isso então vira ella com aquelles dois — e apontava os olhos — um cão da Terra Nova que salvara uma creanca.

O Thomé, muito espantado, ouvia com o ar absorto de alguém a quem estão dizendo cousas extraordinarias, e não pôde deixar de exclamar: — Mas então ha cães que são como as pessoas?

— Salvo seja, acrescentou a velha, persignando-se.

E preparava-se talvez para lhe explicar as differenças que havia entre os brutos e as almas christãs, quando D. Felicidade appareceu a dar ordens para se servirem as sandwiches e o vinho do Porto.

Entrava o Thomé em scena — dissera rindo a menina Guimarães, que viera em seguida á mamã.

E não entrou mal, acrescentára depois, rindo sempre, porque estava muito contente a menina Guimarães — dansára tres valsas e duas contradansas com o seu aspirante querido, e, radiante de alegria, considerava-se feliz, plenamente feliz.

Sentia-se mesmo compassiva e boa, com um grande desejo de expandir a sua alma n'alguma cousa de generoso e de acariciante, de fazer, emfim, compartilhar tudo e todos do seu amor cheio de illusões e de esperanças.

E como era boa rapariga, foi dar do seu bolsinho cinco tostões á velha; o Thomé apanhou igualmente um tostão, e a cozinheira um lenço, que a deixou rendida e encantada, e que a fez murmurar n'um tom de oração:

— É um anjo, é um anjo! Deus a faça feliz e a fade bem.

No que os demais concordaram em côro.

— Não, que elle ainda ha boas almas, tia Belizanda, affirmára solemne a Jacinta.

— E boas casas, rematára a velha.

— Ah! Lá isso ha, insistia a cozinheira. Esta, por exemplo; muita lida, muita labutação, mas no mais nem a casa de um fidalgo.

Fatura, bom passadio, a senhora sempre a ajudar uma pessoa, uma vez por outra licença para sair, e a menina então era aquillo que se via — mesmo um anjo, mesmo um anjo.

— Olhe, concluíra a velha em ar sentencioso — o que ha pelo mundo é muita doida e muita desastuinada, que bons amos não faltam, com a graça do Senhor; — e foi comendo um bolo dos pratos que se estavam a arranjar.

Emtanto, na sala, o sr. Guimarães, satisfeito e risonho, procurava ser amavel para com as visitas, sentando-se ora n'um ora n'outro ponto, commentando, influido, gargalhando a miude, e tendo sempre um dito, uma palavra, um gesto para os que lhe tinham dado aquella honra e aquelle prazer, — insistia cheio de agradecimentos para as senhoras e para os homens.

N'um gabinete ao fundo o banqueiro Lara jogava com o jornalista Ribeiro e com o deputado Menezes, que entrára mais tarde — só para jogar a sua partida — porque não dansava, dizia contristado.

Eram já duas horas. Alguns convidados queriam retirar-se, mas D. Felicidade interviu e conseguira retel-os — Mais um bocadinho apenas, — consentiam risonhos.

As Mendes pretextavam uma missa que tinham no outro dia ás seis, dita pelo padre Souto, que era muito madrugador, e pouco mais poderiam demorar-se. E quando a menina Guimarães lembrára incauta que faltassem, ambas gritaram:

— Credo! Uma missa a S. Sebastião? Oh! menina, não diga heresias.

E então D. Felicidade acudiu prudentemente, advertindo-lhe tambem — que não dissesse heresias.

A menina Guimarães levantou-se meio ironica, e foi conversar com as Sousas, e ambas em voz baixa ficaram a rir-se das beatas. Era assim que tratavam as Mendes, — beatas ou velhotas — ou as duas cousas juntas.

Anacleto amorejava n'um tom lyrico com a filha do banqueiro Lara, a quem havia sido apresentado, e D. Bernardina a um canto ainda fallava de poetas com o Valerio — o amigo de Anacleto.

(Continúa).

## NOTAS VARIAS

Dizia Bossuet: Sob o nome de liberdade os romanos imaginavam, como os gregos, um estado em que ninguem fosse dependente senão da lei, e onde esta fosse mais poderosa que os homens.

Exclamava Lucano, com tanta verdade quanta tristeza, que a victoria de Pharsalia tinha exilado para sempre a liberdade (. . . *rediturque nunquam libertas*).

## CAMINHO DE FERRO DE MORMUGÃO

Realisou-se no dia 31 de janeiro ultimo, com a maior solemnidade e entusiasmo, a junção do caminho de ferro de Mormugão com o *Southern Maratha Railway*. Teve um caracter imponente a cerimonia. Em Castle-Rock, a poucas dezenas de metros da fronteira portugueza, o sr. conselheiro Cardoso de Carvalho, governador geral dos estados da India, e Lord Reay, governador de Bombaim, apertaram os parafusos de prata, que ficam ligando as duas linhas.

Aquelles altos funcionarios e o engenheiro constructor, sr. Sawyer, proferiram, n'esta occasião, concitissimos discursos. Aos lados da linha, sobre plataformas ornadas de flores e de bandeiras, agrupavam-se os convidados, no meio dos quaes sobressaíam as *foliettes* das senhoras, e os uniformes brilhantes dos officiaes portuguezes e inglezes. Seguiu-se um profuso *lunch*, offerecido pela companhia. Lord Reay, em seu nome e no de lord Dufferin, vice-rei da India britannica, saudou affectuosamente o governador geral portuguez, que lhe respondeu, em francez, em termos apropriados.

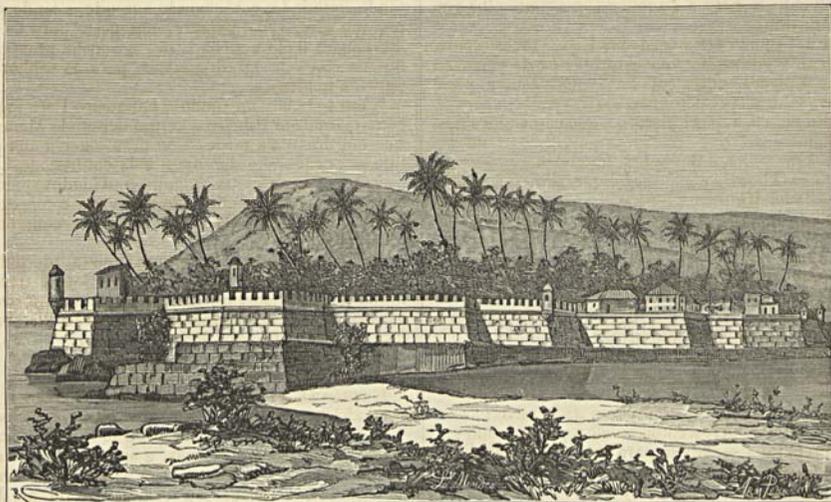
Depois de pequena demora, que se aproveitou em parte

para-se tirarem varias vistas photographicas, desceu o longo comboio a Mormugão. E um paiz de inexcidivel belleza a região do Ghattes atravessada pela nova linha, concordando todos, que, convenientemente explorada, deve ser uma fonte de inextaurivel riqueza para a nossa India.

Em Mormugão, pouco depois de chegar o comboio, houve um grande banquete, a que se seguiu esplendido baile, que rompeu por uma quadrilha de honra, em que figuraram os dois governadores e os mais graduados funcionarios das duas nações.

No banquete fizeram-se muitos brindes, sendo muito notavel e significativo o levantado por Lord Reay. Transcrevemol-o, segundo a versão dada pelo jornal *Anglo-Lusitano* de Bombaim.

«A cerimonia da abertura de uma linha internacional não é a que os inglezes têm o privilegio de presenciar quando estão na metropole. O mar é o *terminus* de todos os nossos grandes caminhos de ferro, e o nosso trafico é internacional só quando assume caracter maritimo. Na India, no Canadá, os problemas que todas as nações europeas tão bem conhecem são solvidos pelos inglezes, e é um facto notavel que os



FORTALEZA DE MORMUGÃO

inglezes fóra da Europa entendem melhor as questões europeas do que os que passam a sua vida na Inglaterra. O caracteristico distincto d'esta linha é a sua natureza absolutamente pacifica.

«Essas considerações militares que tomam tão importante parte na construcção de linhas transfronteiras na Europa não se vêem aqui. Nenhuma obra militar tem augmentado o custo d'esta linha. No começo do seculo vossos engenheiros militares e nossos cooperaram nos campos de batalha; antes do fim do seculo vossos engenheiros civis e nossos encontram-se para abrir linhas de communicação, que hão de, se houver necessidade, provar uteis para salvaguardar os interesses portuguezes e inglezes na India. O duque de Wellington e o Marquez de Wellesley se regosijariam de certo ao ver que se addicionou mais um vinculo aos muitos com que as possessões portuguezas e a presidencia de Bombaim estão unidas. Uma das vossas estações é mui apropriadamente chamada de Vasco da Gama, e aquelle grande homem não podia desejar outro melhor e mais duradouro tributo á sua fama. Os interesses politicos portuguezes e britannicos são identicos na Europa, Asia e na Africa. Elles sustentam-se sobre solidas bases de mutuo respeito aos direitos existentes. Aqui na India

nós temos reconhecido a identidade, não só de interesses politicos, mas tambem de interesses administrativos e mercantis, e um porto portuguez ha de ser a passagem natural dos productos de uma larga extensão do territorio britannico. Quanto mais melhorardes o vosso porto tanto melhor ha de sel-o para os nossos agricultores; e eu não esqueço que um dos meus mais importantes deveres é promover o bem-estar de não menos de um milhão de subditos de sua magestade fidelissima domiciliados na presidencia de Bombaim. Muito sentimos ouvir que a saude de sua magestade tem assustado os seus subditos em todas as partes do mundo. Desejámos um prompto e completo restabelecimento da sua inapreciavel saude, e esperámos que as novas hoje transmitidas a sua magestade hão de dar satisfação, não só a quem occupa o throno, mas tambem a todos os seus leaes subditos d'aqui e de outras partes. Que o seu reinado continue a ser prospero e pacifico é o desejo cordal dos vizinhos britannicos de sua magestade. *Viva el-rei.*»

Em todas as estações da linha era enorme a quantidade de povo, que manifestava a sua satisfação e alegria com estrondos vivas, que se confundiam com o estrelar dos foguetes e das bombas.

Mormugão, que a construcção do caminho de ferro e as obras emprehendas no seu porto, um dos melhores da costa de Malabar, deve em poucos annos converter n'um grande emporio de commercio da Asia, tinha, conforme o recenseamento de 1881, 1:451 habitantes apenas, a despeito da salubridade do clima, da variedade de exposições, e abundancia de aguas.

Que não exagerámos a importancia e alcance do caminho de ferro a que alludimos, prova-o o modo por que a similhante respeito se exprime o *Ultramar*, folha insuspeita e mui conceituada na India. Diz assim:

«Construimos apenas 54 milhas, mas o nosso caminho excitou o commercio a construir 609 milhas para demandar o nosso porto de Mormugão, que lhe fica mais perto, que o de Bombaim. E alem d'estas 609 milhas já promptas, estão em construcção mais dois ramaes, um para o sul e outro para o oriente.

«Estes factos provam, que o commercio do centro d'esta parte da peninsula indica ha de affluir a Mormugão; e é de presumir, que este movimento produza receita sufficiente, para não sermos obrigados a crear uma especial para o pagamento dos juros, sendo mesmo possível, que uma parte dos quatro laques do tratado venha a ser receita ordinaria do nosso thesouro.»

Era nosso intento publicar, por esta occasião, desenhos de algumas das obras de arte, que se comprehendem na linha ferrea de Mormugão.

Não podendo ainda realisar-o, e dar uma noticia desenvolvida, como desejavamos, de tão interessante linha, aproveitámos o ensejo para inserir aqui, como nos foi briosamente facultado, uma das bellas estampas que illustram a magnifica obra do sr. Lopes Mendes *A India Portuguesa*, e representa parte da velha fortaleza mandada construir em 1624, governando a India D. Francisco da Gama, terceiro conde da Vidigueira.

### ENGANO D'ALMA . . .

Morrêra-lhe Natércia, a bem amada,  
Mas, ao sabor da viração subtil,  
Camões ouve-lhe a voz cadenciada,  
Alegre voz de timbre juvenil.

Como outr'ora do alto peitoril,  
Até romper ao longe a madrugada,  
Com requebrado gesto senhoril,  
O poeta julga vê-la enamorada.

Oh! sonho louco! Oh! sonho appetecido!  
Em que revê o seu amor primeiro,  
Doce visão que a morte lhe desfaz. . .

E está n'aquelle sonho embebecido,  
Como estaria Pedro, o justiceiro,  
Nos braços amantísimos de Inez!

ARTHUR MAGALHÃES.

### A IMPRENSA PERIODICA EM HESPAHNA

Em 30 de junho de 1887 publicavam-se no vizinho reino 1:044 periodicos, sendo 265 diarios, 5 em dias alternados, 25 bisemanas, 49 trisemanas, 411 semanas, 80 decenas, 120 quinzenas e 79 mensaes.

As provincias que têm mais periodicos são: Madrid, 285, incluindo 41 diarios; Barcelona, 133 (23 diarios), e Cadiz, 66 (21 diarios). As que contam

menos são as de Cuenca, Guadalajara, Huelva, Segovia e Soria; na primeira publicam-se apenas 4, e nenhum diario; e em cada uma das outras, 5, tambem nas mesmas condições.

A classificacão dos periodicos em relação ao objecto e fins da publicacão é a seguinte: officiaes, 96; carlistas, 37; conservadores, 50; liberaes, 91; reformistas, 33; possibilistas, 26; democratico-progressistas, 74; federaes organicos, 33; federaes pactistas, 2; socialistas, 8; independentes, 77; catholicos, 49; protestantes, 2; livre-pensadores, 10; maçonicos, 4; defendendo interesses puramente locais, 22; profissionaes, 94; propriedade intellectual, 1; scientificos e bibliographicos, 98; artisticos, 18; de modas, 2; interesses moraes e materiaes, 123; interesses do exercito e da armada, 4; administrativos, 17; festivos e satyricos, 16; theatraes, 1; noticiosos, 28; de annuncios, 21; de *tuomachia*, 7; de *sport*, 1.

O movimento periodistico na Hespanha accusa a proporção de 0,61 por 10:000 habitantes.

As provincias em que se excedia a media accusada são: Madrid (4,11); Barcelona, (1,29); Cadiz (1,04); Canarias (0,96); Alava (0,93); Gerona (0,92); Baleares (0,89); Tarragona (0,71); Santander (0,66), e Sevilha (0,65).

A imprensa propriamente politica, de todos os matizes, figura n'esta estatistica na proporção de 0,29 por 10:000 habitantes, correspondendo 0,8 á republicana em todas as diversas fracções em que se divide.

### O JORNAL INGLEZ «THE TIMES»

No dia 1.º do corrente anno commemorou o *Times* o seu centenário; effectivamente o primeiro numero d'aquella folha publicou-se a 1 de janeiro de 1788.

Durante dez annos saíu com o titulo de *The Universal register*; o primeiro numero (940), que traz o titulo actual, conserva-se como curiosidade bibliographica em uma vitrine do *British Museum*, não se encontrando nem na collecção d'esse periodico que possui a bibliotheca de Londres.

Foi o *Times* o primeiro periodico a quem occorreu a idéa de enviar, em 1815, um correspondente especial ao exercito de lord Wellington, resultando d'ahi ter noticias da batalha de Waterloo antes do proprio governo inglez.

O *Times* foi tambem o periodico, que, contra a vontade do gabinete e as manifestações da opinião publica, obteve a abolição dos direitos sobre os cereaes, e que, em 1841, denunciou uma quadrilha de malfeteiros, que haviam concebido o arrojado plano de roubar todas as casas bancarias de Londres.

A informacão custou á empresa 125:000 francos (22:500:000 réis); mas duas lapides de marmore, na bolsa e na porta da redacção, eternisam o facto, testemunhando o reconhecimento do *Stock-Exchange*.

Imprimem-se do *Times* 60 a 70:000 exemplares diarios. São todos os dias, excepto aos domingos, e publica, alem da edição quotidiana, outras duas

bi-semanas, o *Weekly Times* e *The Mail*, especialmente destinada ás colonias.

A sua organização interna passa com justiça por uma maravilha. Redige-se a folha das dez ás onze horas da noite. Da meia noite ás duas horas da madrugada, compõe-se typographicamente; e das duas ás quatro, imprime-se. As seis da manhã distribue-se em Londres, e ás nove, do mesmo dia, encontra-se em Liverpool e Manchester.

O *Times* conserva o escriptorio da redacção no mesmo local em que se estabeleceu, na *Printing Square*, ao fundo de uma estreita rua da city.

Durante os cem annos da sua publicação não tem tido o *Times* mais que cinco redactores em chefe: M. John Walter, de 1788 a 1825; M. D. Bames, de 1825 a 1842; M. Thaddeus Delnes, de 1842 a 1878; M. Thomas Chenery, de 1878 a 1884, e, actualmente, M. George Buckle.

A generalidade do publico ignora o nome do redactor em chefe, porque não se publica artigo algum assignado. O orgulho do periodico consiste em impôr á opinião geral o criterio do *Times*, e não o de um ou outro dos seus redactores.

---

### CAETANO DIAS

Descansa a final em paz este nosso infeliz collega.

O tumulto veiu concluir o que a doença ha muito tinha começado.

Repousa aquelle cerebro, onde ha tanto se fizera a escuridão da intelligencia, e que sentira dentro de si a morte, atufando em sombras o trabalho indefesso do seu estudo e da sua applicação de muitos annos.

Poeta, a miragem de um enganador sonho desvairára-lhe a razão, e pensador, a idéa sempre attenta e sempre activa acabára por extenuar-o estalando-lhe no cranco a corda das impressões lucidas e dos pensamentos são.

Morreu emfim quando realmente a morte já pouco tinha que roubar-lhe, visto que lhe roubára a saude do espirito, dementando-o.

Que triste deve ser a vida n'uma tão dolorosa estancia, e como deve libertar, o ir dormir de vez!

E por isso, bom amigo desventurado, que registando o teu desaparecimento eterno nós lamentámos antes a dôr dos parentes que cá deixaste que a tua propria dôr, que te abateu, — porque, a final, tu foste fazer no seio da terra, indifferente e fria, o que ha muito a sorte não te consentira que fizesses: — tu foste socegar.

Socega, pois, amigo, e que ao menos a tua memoria viva entre os que cá ficam ainda á espera da eterna companhia que nos virá buscar a todos, como a memoria de um espirito culto e trabalhador que honrou o trabalho e se martyrisou pelo estudo. E ao seu irmão, e nosso dedicado collaborador, o sr. José Antonio Dias, bem como a todos os seus, o testemunho sincero da nossa condolencia.

A REDACÇÃO.

### A OPERA D. BRANCA

Em outro numero haveremos de fallar d'esta nova creação do sr. Alfredo Keil, com a sinceridade e com a attenção que devem merecer a todos as affirmações da individualidade nacional em qualquer campo do trabalho humano.

Não o faremos hoje, porque não só não fomos dos felizes que poderam ouvir a *D. Branca* na noite da sua primeira representação, pois, que apenas assistimos aos tres actos que se executaram no ensaio geral, mas porque um spartito, que pela primeira vez se executa, não pôde nem deve ser julgado com uma simples audição — e demais incompleta, para o nosso caso.

Ainda assim não quizemos deixar saír este numero sem antes de tudo felicitar o moço compositor pela sua tentativa, tão sympathica e tão digna do apreço de nós, tentativa que, segundo vemos, e pelo que nós mesmo podémos ouvir, foi amplamente coroada de exito.

Com effeito nos tres actos a que assistimos, innumeradas bellezas melodicadas e harmonicas podémos admirar, e mais do que um trecho nos entusiasmou, como a romanza da Theodorini, no 2.º acto, o duetto d'esta com Aben-Afan, um esplendido concertante n'um estylo largo e magestoso, e uma ou outra phrase orchestral que nos pareceu de seguro effeito.

Repetimos, isto é uma impressão fugidia, e como tencionámos ouvir a opera mais de uma vez, voltaremos a fallar d'ella mais extensamente e se não com mais sciencia, pelo menos com mais conhecimento.

VIATOR.

---

### BIBLIOTHECAS MUNICIPAES

O municipio de Lisboa tem, por emquanto, apenas abertas quatro bibliothecas populares. A estatistica do movimento d'estas bibliothecas nos ultimos quatro annos civis não é desanimadora.

O numero de volumes pedidos foi em 1884, 33:585; em 1885, 36:055; em 1886, 26:401; em 1887, 31:015; a que correspondem as seguintes médias diarias: 117,84, em 1884; 133,04, em 1885; 93,28, em 1886; e 102,39 em 1887.

Com referencia a materias aquelles volumes dividem-se do seguinte modo: *Sciencias*: 12:427 em 1884; 15:542 em 1885; 11:090 em 1886; e 13:488 em 1887. *Artes e officios*: 500 em 1884; 614 em 1885; 424 em 1886; e 352 em 1887. *Litteratura*: 9:984 em 1884; 11:240 em 1885; 7:009 em 1886; e 6:761 em 1887. *Romances*: 10:674 em 1884; 8:659 em 1885; 7:878 em 1886; e 10:414 em 1887.

Frequentaram as bibliothecas municipaes ou aproveitaram-se da leitura das respectivas obras em domicilio, nos quatro annos indicados, 68:890 leitores, sendo 16:590 em 1884; 18:804, em 1885; 15:233 em 1886; e 18:263 em 1887.

Aquelles 68:890 leitores pertenciam ás seguintes profissões: scientificas, 35:564; commerciaes e industriaes, 4:008; operarios e artistas, 17:164; funcionarios publicos, 12:154.

## • ALGUMAS INFORMAÇÕES

ÁGENDA DA

## EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA DE 1888

COMISSÃO PROTECTORA

SUA Magestade o REI SENHOR D. LUIZ I.

SUA Magestade a RAINHA SENHORA D. MARIA PIA.

SUA ALTEZA REAL o PRINCIPE D. CARLOS.

Sua ex.<sup>a</sup> o ministro das obras publicas.Os ex.<sup>mos</sup> srs. presidente do conselho de ministros e ministros e secretarios d'estado de todas as repartições.

A mesa da camara dos dignos pares do reino.

A mesa da camara dos senhores deputados da nação.

As commissões de commercio e artes das camaras dos dignos pares do reino e dos senhores deputados da nação.

Os administradores da casa real e da casa de Bragança.

Os presidentes das direcções das associações commercias de Lisboa, Porto, Angra, Aveiro, Braga, Coimbra, Faial, Figueira, Guimarães, Regoa, Santarem e Vianna do Castello.

Um delegado por cada um dos jornaes que se publicam no paiz.

Um delegado por cada uma das companhias industriaes e fabris ou associações com tal caracter existentes no paiz.

Os professores do instituto industrial e commercial de Lisboa, do instituto industrial do Porto e do instituto geral de agronomia, os inspectores do ensino industrial e os professores das escolas industriaes e de desenho industrial, e as direcções dos museus industriaes e commercias de Lisboa e Porto.

Um representante de cada uma das escolas do ensino superior, secundario e normal primario.

Dois representantes de cada um dos grandes centros fabris e industriaes do paiz.

Os presidentes, conselhos de administração e directores das companhias de caminhos de ferro nacionaes e directores de todas as linhas de caminhos de ferro portuguezes.

Os directores de estabelecimentos que tenham officinas de aprendizagem e correcção.

As direcções da academia real das sciencias, academia real de bellas artes, conservatorio real de Lisboa, academia portuense de bellas artes, real associação de agricultura portugueza, sociedade de geographia e quaesquer sociedades congeneres de ensino.

Os membros do conselho superior das alfandegas, directores das alfandegas de Lisboa, consumo, Porto e maritimas.

Os membros do conselho geral do commercio e industria.

O presidente e commissão executiva da junta geral dos districtos de Lisboa e Porto.

Os governadores civis e secretarios geraes dos districtos de Lisboa e Porto.

A commissão executiva, engenheiro e architecto da camara municipal de Lisboa, presidente da ca-

mara municipal do Porto, e um delegado de cada uma das outras municipalidades do paiz.

Os directores geraes das secretarias das camaras dos dignos pares do reino e dos senhores deputados da nação.

Os secretarios geraes e directores geraes de todos os ministerios.

Os ministerios da direcção geral do commercio e industria.

Os socios da associação industrial portugueza.

\*  
\*  
\*

Segundo o programma, a exposição divide se em doze grupos, a saber:

Grupo I. Materias primas do reino mineral.

Grupo II. Machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino mineral.

Grupo III. Productos da transformação das materias primas do reino mineral.

Grupo IV. Materias primas do reino vegetal.

Grupo V. Machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino vegetal.

Grupo VI. Productos da transformação das materias primas do reino vegetal.

Grupo VII. Materias primas do reino animal.

Grupo VIII. Machinas, apparatus e processos empregados na transformação das materias primas do reino animal.

Grupo IX. Productos da transformação das materias primas do reino animal.

Grupo X. Industrias completas.

Grupo XI. Industrias caseiras, exposições comparadas, inventos e descobrimentos portuguezes.

Grupo XII. Instrucção e aperfeiçoamento das classes operarias.

Estes doze grupos subdividem-se em sessenta e duas classes.

\*  
\*  
\*

Elaborado sob um plano rigorosamente scientifico pelo chorado professor e illustre estadista sr. Antonio Augusto de Aguiar, terá o programma referido, por sem duvida, de ser na pratica profundamente alterado ou modificado, o que, de resto, pouco importa para o fim que temos em vista.

Tambem a exposição, que, segundo o mesmo programma primitivo, devia ter logar na tapada real da Ajuda, facultando o governo por esse effeito o uso dos edificios existentes n'aquella tapada, e que serviram á exposição agricola ali realisada em 1884, verificar-se ha na avenida da Liberdade, nos terrenos cedidos pela camara municipal de Lisboa, desde a rua Manuel de Jesus Coelho (antiga Horta da Cera) até a rotunda (Valle do Pereiro), em edificios, já em mui adiantada construcção, delineados pelo habil architecto o sr. José Luiz Monteiro.

Esses edificios, alevantados nas duas ruas paralelas á rua central da formosa avenida, prolongando-se parallelamente, vão dar a um corpo central, que é a parte nobre da edificação.

Cada uma das duas alas, oriental e occidental, é assim dividida:

Jardins com uma area de 4:050 metros quadra-

dos, e onde será permitida a construção de kiosques, para os quaes ha já varios pedidos.

Segue-se um pavilhão de 12 metros de largura, com uma area de 144 metros quadrados. Para esse pavilhão sobe-se por uma escada, que deverá ter dezesseis degraus por causa da differença de nivel. Ligada a esse pavilhão segue-se uma galeria de 10 metros de largura, e com uma area de 400 metros quadrados.

E separada essa galeria por uma passagem coberta, da segunda galeria, que tem igualmente 10 metros de largura e a area de 454 metros quadrados.

A terceira galeria, que é, como as anteriores, de 10 metros de largura, tem como a primeira, a area de 400 metros quadrados.

Esta terceira galeria termina em um pavilhão igual em tudo ao primeiro já mencionado, formando angulo, e havendo em seguida o vestibulo da escada, que dá para a parte central das installações, a qual consiste em um grande salão — salão de honra — com uma area de 280 metros quadrados, tendo de cada lado uma sala com a area de 60 metros quadrados cada uma, e destinadas ambas a serviços de administração e outros.

A superficie total destinada a installações de productos e varios serviços é de 3:484 metros quadrados.

Por baixo do grande salão abrem-se tres grandes arcos, que dão franca passagem para as installações particulares, que se prolongarão até á rotunda, se assim se julgar necessario.

Esta parte central da edificação tem duas frentes exactamente iguaes, havendo em ambas uma ampla e extensa varanda, ou balcão, na altura do grande salão.

E feita a vedação para as ruas lateraes da avenida pelas proprias construccões, e a do lado dos jardins, bem como a da parte destinada ás installações particulares, por meio de uma singela grade de madeira.

Os empreiteiros da construção das galerias oriental e occidental são os srs. Manoel de Oliveira e Silva e José Maria Baptista.

Está orçada a despeza com todas as construccões projectadas em 36:000:000 réis, incluindo o valor da madeira, que houver de empregar-se.

\* \*

Os auxilios, que a benemerita associação industrial portugueza, a que actualmente preside o sr. dr. João Chrysostomo Melicio, digno par do reino, e antigo e abalizado jornalista, tem até agora recebido, são:

Votado nas camaras legislativas, a pedido da associação industrial portugueza, e por proposta do governo..... 25:000:000

Votado pela junta geral do districto de Lisboa, por espontanea proposta do sr. Mendes Guerreiro..... 6:000:000

Votado pela associação commercial de Lisboa, por espontanea proposta do sr. Luiz Eugenio Leitão..... 5:000:000

Votado pela camara municipal de Lisboa, a pedido da associação industrial portugueza, e por proposta do sr. Matoso Santos..... 6:000:000

Total..... 42:000:000

Alem d'isto, o ministerio das obras publicas fornece todas as madeiras necessarias para as construccões projectadas, devendo, contudo, terminada a exposição e desmanchados os edificios que se erigirem, ser restituídas ao dito ministerio para se lhes dar o destino conveniente.

\* \*

Convidada da fórma mais delicada e instante, pela illustre associação industrial portugueza, a cooperar no seu nobilissimo e patriotico empreendimento, a associação typographica lisboense e artes correlativas, aceitando reconhecida a honrosa, embora difficil tarefa, nomeou logo uma commissão especial para tratar do assumpto, a qual dirigiu, não só aos seus associados, como a todos os membros da classe, que considerou nas circumstancias de poderem concorrer ao grande certamen, que se prepara, a seguinte circular:

III.º e ex.º sr.—Em harmonia com as suas honradas e luminosas tradições, a Associação typographica lisboense e artes correlativas, annuindo do melhor grado ao mui lisonjeiro convite da Associação industrial portugueza, comprometteu-se a enviar os mais energicos esforços e a pôr por obra todos os meios de que dispõe, para que a exposição nacional, que aquella benemerita associação projecta inaugurar, em maio proximo, na Avenida da Liberdade, na parte que respeita ás artes graphicas em os variados ramos que as constituem, incluindo a photographia e suas multiplices applicações, de exacta e perfeita idéa dos grandes progressos realisados, e mostre o estado de perfeição que atingiram.

Não tomaria de certo a Associação typographica e artes correlativas tão melindroso compromisso se não contasse, como conta, com o patriotismo, intelligencia e boa vontade de todos os seus associados, assim como com a adhesão da classe, que se preza de representar, e por cuja dignidade e interesses tem sempre lidado quanto lhe ha sido possivel.

N'estas circumstancias, a commissão nomeada em assembléa geral para se occupar exclusivamente do momento assumpto sujeito, vem, por este meio, rogar, encarecida e instantemente, a v. ex.ª se digne auxiliiar a associação no seu generoso empenho, concorrendo ao magestoso certamen que se prepara com alguns dos trabalhos que tanto honram as suas officinas.

Parece á commissão ocioso expor a v. ex.ª a importancia e extraordinario alcance da proxima exposição nacional na economia publica, e quanto importa que se affirme, por modo energico e solemne, quaes são as forças de que dispõe a nossa industria, e o direito que lhe assiste a ser amparada e protegida.

Por igual entende a commissão inutil ponderar a v. ex.ª que, para que a exposição, que se annuncia sob tão favoraveis auspicios, tenha um caracter serio e pratico, convem que ella se não componha só de amostras e de specimens mais ou menos primorosos. Todo o trabalho ou producto, por modesto, que seja, tem ali o seu logar, e pôde considerar-se apreciavel segundo as condições em que for executado e a applicação a que se destine.

Dessejando aproveitar o ensejo, que se lhe affigura propicio, para completar o catalogo, que deve elaborar-se dos expositores e productos exhibidos, com uma especie de estudo estatistico da industria, a commissão pede por isso a v. ex.ª a fineza de preencher, como julgue acertado, o questionario incluso, devolvendo-l'ho com a maxima brevidade.

Para prevenir naturaes hesitações toma, outrossim, a commissão a liberdade de informar v. ex.ª de que se responsabilisa pela mais conveniente installação dos trabalhos ou productos, que v. ex.ª haja de enviar-lhe, quando v. ex.ª não queira ou não possa, por qualquer motivo, tomal-a a seu cargo, devendo, n'esta hypothese, por simplificação do respectivo serviço, preceder o conveniente accordo.

Reiterando as suas instancias, e confiada plenamente na muita illustração de v. ex.ª, a commissão espera que v. ex.ª accederá presuroso ao seu appello, podendo endereçar quaes-

quer communicações, que deseje fazer-lhe a similhante respeito, á séde da associação, na rua do Sol ao Rato, edificio da Imprensa Nacional.

Lisboa, e sala da Associação typographica lisbonense e artes correlativas, 28 de fevereiro de 1888.—Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa = Antonio Martins = Eduardo Coelho = Francisco Gonçalves Lopes = João Luiz Venancio Serrão = Joaquim Euzebio dos Santos = Joaquim Maria da Cruz = Jose Antonio Dias Coelho = José de Mattos Goes de Barros = P. W. de Brito Aranha.

Consta-nos, que a circular, que acaba de ler-se, tem sido mui bem recebida, devendo esperar-se que o resultado corresponda ao que a associação deseja em honra da mesma classe, que não cede a nenhuma, como muitas vezes o ha demonstrado, em brios e elevação de sentimentos.

\*  
\*

A companhia real dos caminhos de ferro portu-  
guezes já annunciou que o transporte dos productos  
destinados á exposição industrial tem um abatimento  
de 50 por cento. Devemos observar que esse aba-  
timento é feito á associação industrial portugueza,  
por isso que os expositores nada terão a pagar pelo  
transporte dos seus productos, quer na vinda para  
Lisboa, quer no regresso para as localidades de onde  
vierem.

\*  
\*

O nobre ministro da guerra dignou-se responder  
á direcção da associação industrial portugueza, com-  
municando-lhe que ao esclarecido general commandante  
geral de artilheria haviam sido expedidas as  
convenientes ordens, a fim de se entender com um  
delegado da mesma associação para a escolha dos  
objectos das officinas do arsenal do exercito, que,  
sem inconveniente, possam figurar na exposição indus-  
trial.

\*  
\*

Á direcção da associação têm sido feitos pedidos  
de espaço para productos estrangeiros. Inutil será  
acrescentar que esses pedidos não têm sido atten-  
didos; mas como pôde succeder que, por qualquer  
circumstancia imprevista, taes productos cheguem a  
ser expostos, logo que isso se saiba, e se prove a  
sua proveniencia, serão immediatamente retirados  
da exposição.

\*  
\*

Já ha pedidos para annexos, por conta dos expo-  
sitores, que entendem mais conveniente expor os  
seus productos fóra das installações da associação.

O pedido mais importante até agora é o da em-  
presa industrial portugueza, com officinas de fundi-  
ção e serralheria em Santo Amaro. Esta empresa  
pediu 660 metros quadrados, para a construcção de  
um hangar, onde fará a exposição dos seus pro-  
ductos. O projecto da construcção diz o que ella ha  
de ser em elegancia e em solidez.

## BIBLIOGRAPHIA

*Frédéric Koenig et l'invention de la presse mécanique par  
Théodore Goebel. Traduit de l'allemand avec l'autorisation  
et l'approbation de l'auteur par Paul Schmidt. Paris, 1885.  
8.º maximo de xv—378 paginas.¹*

Por occasião do centenário do nascimento do fa-  
moso constructor de machinas de imprimir, Frede-  
rico Koenig, o nosso amigo o sr. Theodoro Goebel,  
um verdadeiro typographo cosmopolita, que, como  
muito bem diz o sr. Schmidt, no prefacio da sua  
excellente traducção, se tem aperfeiçoado na sua  
arte, não só em Allemanha, como em França, na  
Inglaterra e na Russia, adquirindo incontestada fama  
como publicista profissional, escreveu para o *Journal für  
Buchdruckerkunst*, de Brunswick, uma singe-  
lata noticia biographica da forma, que podia com-  
portal-a uma publicação periodica de similhante  
indole.

Tendo, porém, a familia d'aquelle grande indus-  
trial posto á sua disposição uma quantidade enorme  
de opusculos, esclarecimentos e informações acerca  
de Frederico Koenig e da invenção da prensa me-  
chanica, o sr. Goebel, na profunda convicção do  
partido que poderia tirar de tão rico thesouro de  
materiaes, cuja dispersão, em verdade, deixaria uma  
lacuna irremediavel na historia da arte typogra-  
phica, concebeu a idéa da obra cujo titulo precede  
estas breves linhas.

Só em reunir e coordenar as peças do grande  
processo declara o sr. Goebel haver consumido al-  
guns annos, tendo ainda de as completar, esclarecer  
e confirmar, procedendo a investigações, por extremo  
demoradas, difficéis e melindrosas.

O exito, porém, correspondeu de todo o ponto á  
medida dos extraordinarios esforços empregados,  
porque, no conceito unanime de quantos a tem lido  
a eruditissima obra do sr. Theodoro Goebel forma  
o estudo mais completo e consciencioso, que pode-  
ria desejar-se das variadas phases e peripecias da  
agitada vida de Frederico Koenig, e constitue, ao  
mesmo passo, a demonstração logica, irresponsivel  
de quem foi o verdadeiro inventor da prensa me-  
chanica, que tão rapida e assombrosa transformação  
operou nas condições da arte de Gutenberg, reivin-  
dicando para o seu illustre biographado, o energico  
e sympathico fundador da fabrica de Oberzell, a gloria  
de tão maravilhosa invenção, gloria que lhe  
pretendiam usurpar os constructores inglezes, Nichol-  
son e outros, cujas pretensões o sr. Theodoro Goe-  
bel, por uma serie de factos e racionios deduzidos  
com o maior escrupulo e o mais severo rigor prova  
serem infundadas, reconhecendo, todavia, que aos  
capitães, á intelligencia e ás aptidões technicas dos  
constructores britannicos pertence honrada parte no  
desenvolvimento espantoso da mechanica na typo-  
graphia.

¹ O sr. Theodoro Goebel offereceu á associação typogra-  
phica lisbonense e artes correlativas, que tem a subida honra  
de o contar no numero dos seus socios honorarios, com ou-  
tros livros e specimenes preciosos, um exemplar especial da  
edição original, em lingua allemã, elegantemente encader-  
nado, e com uma lisonjeira dedicatória.

O proprio Frederico Koenig, com a rectidão e lealdade, que eram as feições predominantes do seu bello character, não hesitava em concordar, que sem os apreciaveis recursos de que assim pôde dispor, a invenção da prensa mechanica tornar-se-fa esteril.

Pôde acaso notar-se na obra do sr. Goebel uma certa sobejidão e minucia de promenores: deve, comtudo, confessar-se, que nem um só deixa de offerecer interesse relativo na sustentação da importantissima these proposta.

É um trabalho verdadeiramente notavel o do sr. Goebel, em que este nosso respeitavel amigo e consocio affirma pelo modo mais brilhante o seu formoso talento, espirito investigador, profundos conhecimentos e superior illustração.

Em appendice, o sr. Theodoro Goebel, registando os factos estatísticos, que patenteiam a immensa actividade da fabricação das machinas de imprimir no vasto estabelecimento de Oberzell, creado por Koenig, conclue com as concituosas observações, que em seguida trasladamos:

«Que mais brilhante prova se poderia apresentar do desenvolvimento da industria mechanica em Oberzell do que a distribuição de 3:000 machinas por todas as partes do mundo! N'este numero comprehendem-se machinas de todas as dimensões, e uma grande quantidade de prensas *rapidas* na accepção mais arrojada da palavra: referimo-nos ás machinas rotatorias. E, comtudo, essas 3:000 machinas constituem uma pequena parte de todas as machinas de imprimir, que desde a invenção de Koenig se tem construido na Europa e na America; mas são sufficientes para dar uma idéa da importancia enorme d'esta invenção, tanto no ponto de vista tecnico como no da economia social. Outra anathematisava-se por tirar o pão aos pobres operarios impressores, reduzindo-os á miseria; este anathema, assim como o calculo tão inferior de Koenig no tocante ao numero de machinas, que haveria de construir, baseava-se no antigo estado de cousas.

«Os factos, e, em particular, o augmento tão consideravel do numero de machinas, deram-lhe o desmentido mais solenne. De feito, quem poderia hoje contar os milhares de operarios que se occupam só na construcção das prensas mechanicas? E os milhares de conductores, isto é, de homens intelligentes dirigindo essas machinas, e substituindo a classe dos impressores, que nem sempre faziam honra á arte de Gutenberg? Pedem-se hoje á prensa mechanica as produções typographicas mais perfectas, superiores áquellas, que no momento da sua invenção nem se julgava poder obter dos prelos manuaes, e bom numero de impressores, encontrando um trabalho remunerador, se tornaram em verdadeiros conductores artistas: a propria imprensa tornou-se uma arte, mercê da influencia de Koenig, que foi assim um immenso benefactor, tanto para o trabalho, como para os operarios.

«Não o foi menos para a typographia, pelo impulso material, que se seguiu ao aperfeicoamento dos meios de impressão, e á possibilidade de maior producto. A machina substituiu em toda a parte as prensas manuaes; accelerando o trabalho, facilita-o aos obreiros.

«É impossivel representar por algarismos a influencia, que tem exercido, e exerce ainda diariamente, com progressão cada vez maior, esse augmento da facilidade e da rapidez da impressão no desenvolvimento da educação no seio de todas as classes, elevadas e baixas, e em todas as relações da vida social e politica.

«Os limites d'esta influencia estão fóra do alcance da intelligencia; mas o que todos devem reconhecer, como incontestavel, é que a grande invenção de Frederico Koenig, a machina de imprimir, é o ponto de partida d'essa influencia; e que esta ultima é o corollario, e depende inteiramente d'ella.

«Frederico Koenig foi pela sua invenção um dos maiores benefactores da humanidade. O seu nome, pois, fulgirá sempre entre os dos maiores homens de todas as nacionalidades. Honra á sua memoria!»

Bem desejáramos dar mais larga informação de obra tão magistral, como é, de certo, a do sr. Theodoro Goebel; não nol-o permite, porém, o espaço de que nos é licito dispor; e por isso nos limitámos a recommendar instantemente a sua leitura, agradecendo, por esta occasião, embora tardiamente, por circumstancias independentes da nossa vontade, o exemplar, que teve a extrema amabilidade de enviar-nos, em tempo, o eximio traductor e editor francez, o sr. Schmidt.

F. PEREIRA E SOUSA.

## IL CUOR VEDOVO

Noite, em mim sinto o rouxinol queixoso  
Serenatas d'amor a descantar  
Como um aereo bandolim mavioso,  
Mas... não tenho luar.

Ninho, eu me sinto dentro d'arvoredo,  
Dando-me para tecto o azul dos ceus,  
As aves construíram-me em segredo,  
Mas... disseram-me adeus.

Homem, sinto em minh'alma a grande sede  
D'uma flor desejando uma outra flor,  
D'um amor santo que outro amor nos pede,  
Mas... não vejo esse amor.

Ai! noite sem luar, ai! olvidado  
Ninho em que as aves repousar não vem,  
Ai de mim! amo e não me sinto amado  
No peito de ninguém!

Lisboa.

COSTA ALBERTO.

Havendo fallecido D. Henrique de Menezes, que governava a India com tanta fama de valor e justiça, fallou-se de suas prendas em roda de outros fidalgos; e safu um taxando n'elle certo defeito. Porém: acudiu Heitor da Silveira dizendo: Outro defeito maior tenho eu sabido de D. Henrique, foi não desterrar da India quantas más linguas havia.

P. MANUEL BERNARDES.

## VARIEDADES

O nascimento de gêmeos é objecto das aversões dos selvagens. Na ilha de Java, quando uma mulher tem dois filhos presagia sempre horribes desgraças. A tribu amaldiçoava e falava expiar esse crime, deportando-a com marido e filhos para as bordas do mar, ou obrigando-a a viver entre tumulos para se purificar. No Indostão, na Guiné e no Japão, mata-se sempre um dos gêmeos, e muitas vezes tambem a mãe que os deu á luz. Se a desgraça intenta occultar o nascimento dos gêmeos, então uma victima só não basta, e a familia inteira é masacrada.

Este prejuizo selvagem contra os gêmeos provém da idéa de que um homem não pôde ter mais de que um só filho, de modo que o nascimento de duas creanças é a denuncia da infidelidade da mulher.

## PAPEL DE MUSGO

Na Suecia e Noruega encontram-se grandes depositos de musgo que se utiliza para o fabrico de papel e cartão, de excellente qualidade, obtendo-se cartão de 2 centímetros de espessura tão solido e duro como a madeira, e que se presta admiravelmente ao polimento e trabalho mechanico, sem que o uso o desfaça. Submette-se a uma prensa hydraulica de grande força, e por este meio se torna consistente e proprio para diversissimas applicações.

## UM NOVO BAROMETRO

É muito simples e está ao alcance de todos, um barometro de que tem as honras de inventor mr. H. de Parville.

Uma garrafa, não muito grande, isto é regular, um pequeno tubo de vidro e uma pouca de agua, eis tudo.

Rolha-se hermeticamente a garrafa, atravessa-se a rolha por um tubo de vidro de 3 millímetros de diametro e de 50 a 60 centímetros de comprimento, devendo este tubo penetrar até dois terços da garrafa. Depois aquece-se ligeiramente a garrafa para dilatar o ar, e por meio de um funil deita-se agua pelo tubo. O liquido deverá subir na garrafa acima da extremidade mergulhada do tubo, subindo portanto n'este a um certo nivel.

Tal é o apparelho completo.

Se o tempo estiver de chuva, a columna liquida subirá, se estiver bom descerá. Será bom envolver a garrafa n'uma espessa camada de serradura ou enterral-a n'um vaso com terra.

## COMBINAÇÃO DE CORES

Vermelho e amarello dão alaranjado.  
Vermelho e azul dão purpura.  
Amarello e azul dão verde.  
Aranjado e verde dão cinzento.  
Aranjado e purpura dão castanho.  
Purpura e verde dão verde claro.

## ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA LISBONSENSE E ARTES CORRELATIVAS

CONTA DA RECEITA E DESPEZA NO ANNO DE 1887

RECEITA	
Quotas.....	1.619,440
Jóias e estatutos.....	37,830
Juros de inscrições.....	204,000
Cedencias de subsidios de varios socios.....	36,800
Juros de depositos no monte pio geral.....	7,115
Recibido da commissão que promoveu a recita extraordinaria em honra da associacão.....	247,885
Idem da caixa de soccorros da imprensa nacional por despezas feitas de sua conta.....	47,040
	<b>2.194,175</b>

DESPEZA	
Subsidios.....	1.536,040
Indemnisacão a familias de socios fallecidos.....	70,000
Funeraes mandados fazer pela associacão.....	22,700
Aluguer de trens para deputações.....	10,800
Percentagem ao recebedor.....	132,586
Ordenado do facultativo.....	150,000
Dito do continuo.....	18,000
Premio de seguro de mobilias.....	12,000
Papel e impressão de recibos de quotas.....	4,370
Despezas diversas.....	215,585
	<b>1.971,041</b>

Diferença a favor do cofre..... **223,134**

RESUMO		
	Metal	Inscrições
Recita.....	2.194,175	
Despeza.....	1.971,041	
Diferença a favor do cofre.....	223,134	6.800,000
Saldo do anno anterior.....	255,026	6.800,000
Saldo que passa ao anno de 1888.....	478,760	6.800,000

*Movimento associativo.*—Numero de socios existentes em 31 de dezembro de 1886—303; admitidos, 23; desistentes, 14; fallecidos, 7; existentes em 31 de dezembro de 1887—395.—Numero de socios abonados com subsidios: por doenca, 113; por inhabilidade, 8.

*Corpos gerentes* eleitos em assembleas geraes de 21 de janeiro e 5 de fevereiro de 1888.

Assemblea geral: presidente, Francisco Angelo de Almeida Pereira e Sousa; secretarios, Julio Pereira Sande da Silva Coutinho e Joaquim Maximo Cardoso; vice-secretarios, José Maria Mendes e José Ignacio Guedes de Carvalho Menezes.

*Commissão administrativa:* presidente, João Luiz Venancio Serrão; secretarios, Candido Augusto da Costa e Adolpho de Mendonca; thesoureiro, Abilio Marques Raymundo; vice-theoureiro, João Baptista dos Santos; vogaes effectivos, João Baptista Nogueira, Antonio Eugenio Lamas e Joaquim Eusebio dos Santos; vogaes supplentes, Manuel Torquato Baldino e José Lourenço Mendes.

*Commissão revisora de contas:* Joaquim Maria da Cruz, Manuel José Spinola, Domingos Venancio, Fernando de Mello e Raphael Joaquim Gomes.

## EXPEDIENTE

Por uma serie de circumstancias independentes da nossa vontade, e que entendemos ocioso enumerar, atrazou-se extraordinariamente a publicação da *Imprensa*. Resolvendo continuar a nossa modesta folha, daremos de ora ávante, enquanto não conseguirmos vencer o atrazo accusado, 16 paginas em cada numero quinzenal, correspondendo, portanto, a dois numeros. Protestamos empregar todas as diligencias, e os meios ao nosso alcance, para que a *Imprensa* continue merecendo o favor com que foi acolhida.

A REDACÇÃO.